

MESTRE TAMODA E A SUBVERSÃO DO CÓDIGO LINGÜÍSTICO

Raimunda Celestina Mendes da Silva – UEMA/UESPI

RESUMO:

Mestre Tamoda, protagonista do conto homônimo de Uanhenga Xitu, mostra a linguagem como forma de libertação de um povo. Sabe-se que Portugal usou a língua culta padrão como meio de dominação cultural e quando havia oposição, força e astúcia eram usadas para vencer o povo angolano, uma vez que não ter acesso ao código lingüístico aumentava a distância entre eles. O autor procura, através do emprego de material regional, envolver o leitor ao explicar termos locais, oriundos da cultura oral, bem como denuncia na narrativa o cotidiano da vida colonial e o choque de culturas distintas. Pretende-se mostrar a resistência do colonizado, quando este usa, no conto em análise, uma linguagem coloquial, uma sintaxe própria, ao tempo em que mistura o português – língua do dominador – ao quimbundo, como forma de subversão e oposição a um regime de força.

PALAVRAS-CHAVE: Código Lingüístico. Mestre Tamoda.Colonizado.

Trata-se, neste estudo, sobre o uso da linguagem por Uanhenga Xitu, escritor angolano, como forma de libertação de um povo. Para tal, o protagonista do conto, Mestre Tamoda, mostra que o caminho é difícil. Faz-se necessário muito empenho e dedicação para vencer o poder dominador.

Como ponto de partida, é preciso lembrar a importância da linguagem como “fonte de vida” e como mecanismo para desvendar os mistérios da realidade humana e, para o emigrante que vive um processo de aculturação, tendo que escolher entre mudar de língua e mudar de pátria/Nação, sem perder a memória.

Mestre Tamoda, ao trabalhar com um material de origem regional, registra a necessidade que tem o povo angolano de não se desenraizar, de não perder o vínculo com sua pátria, mesmo que no processo de aculturação, incorpore elementos da língua do dominador sempre observando o que ensino da língua significa para o homem.

No desenrolar da narrativa, observa-se que Uanhenga Xitu apropria-se da linguagem com o objetivo de ensinar, de tirar seus conterrâneos da ignorância, porém como ele mesmo havia estudado não em escolas, mas com os filhos dos patrões, com os criados do vizinho do patrão ou, quando na ausência do patrão, decorava e copiava os vocábulos do dicionário, escolhendo aqueles que lhe soavam bem, dessa forma, seus ensinamentos provocavam nos discípulos um efeito contrário, pois

no lar e na rua os resmungos dos miúdos eram feitos em português do Tamoda, o que criava sabores aos ‘estudantes’. Porque os pais e mãos que não compreendiam o significado da palavra interpretavam-na como asneira, o que se pagava com bons açoites. (XITU, 1984, p.09)

Para os pais e as autoridades locais, Tamoda subvertia a ordem com seus ensinamentos ao utilizar elementos semânticos que possuíam na comunidade sentido pejorativo, revelando duas visões de mundo diferentes, ou seja, o discurso do mestre materializa uma ideologia que decorre do lugar de onde esse sujeito produz sua fala, da posição social que ocupa naquela comunidade: ele não é livre para falar o que quer, mas por ocupar um lugar diferente do de seu povo, enuncia para este, aquilo que lhe é possível.

Kidi e Kuzela, dois garotos ávidos de saber, perguntaram ao mestre qual o feminino de muchacho, para o professor era muchachada, mas na comunidade a expressão era parecida com muxaxala em quimbundo, cujo significado “sulco nadegueiro ou via retal”. Quando tratavam as

garotas com o novo vocábulo aprendido, os discípulos de Tamoda levavam uma sova dos pais, dos manos ou das próprias moçoilas.

A atitude dos habitantes do lugarejo faz lembrar David Crystal que afirma: “nenhuma língua existe de forma isolada. Todas as línguas em contato se influenciam mutuamente”, ou seja, para os nativos que não possuíam a linguagem escrita não perceberam que a diferença nos vocábulos dava-se apenas nos fonemas, um escrito com ch e outro com x.

O texto de Uanhenga Xitu mescla essas questões de interpretações diversas para os vocábulos, pois os alunos recebiam as informações não só do professor oficial, bem como de Mestre Tamoda, cuja fama era difundida pela garotada, nas povoações, nos grupos femininos que geralmente não freqüentava a escola.

A empatia entre Tamoda e seus conterrâneos dava-se também pela proximidade entre eles que não viam nos ensinamentos do “mestre” a função política da linguagem de “mandar e fazer obedecer, assim como para desempenhar a própria obediência”, nos dizeres de Deleuze e Guattani (1977).

Tamoda manipula seus co-irmãos de forma sutil, utilizando também a linguagem com o objetivo político. Enquanto as autoridades usavam-na na relação mando-obediência, ele queria o mesmo, com o intuito de fazê-los libertarem-se das amarras de submissão e da ignorância. Percebe-se nas atitudes de Tamoda a cultura do dominador, e este ao “assimilar tal cultura, tornou-se reduplicador dessa cultura”, nas palavras de Remédios (1990, p. 94).

O problema tornava-se difícil para o angolano porque a escola “como máquina oficial” colocava o educando diante de formas pré-estabelecidas, treinando-os para que mandassem e obedecessem. Tal atitude fica evidente na narrativa quando na hora da leitura três alunos e duas alunas estavam sentados diante do professor e um colega, Kuzela lia de pé. Júlia, uma colega de sala, “cabeceava”. A atitude de Júlia levou Kidi a cochichar no ouvido dela, fazendo-a sorrir: “Júlia, está a cachondear”.

A atitude descontrainda dos meninos enfureceu a professora que lhes indagou:

- Que estás a sorrir, Helena? É hora da lição ou de brincadeira?
- É o Kidi que disse que a Júlia está a cachondear, e eu ri...
- E isso dá alguma graça para rir? E tu, Kidi, quem deu autorização para falar?
- Perdão, sô-psora...
- E o que quer dizer cachondear?
- Cachondear é cabecear (XITU, 1984, p.13)

Em uma sala de aula comum e com um professor menos austero, a atitude dos alunos seria vista como um momento de descontração, mas a mestra interrompeu a aula, fora a casa dela que ficava a uns passos da escola e logo voltara com um volumoso dicionário ilustrado.

Diante da cena, o silêncio voltou a reinar na classe. Todos esperavam o pior. Observem o diálogo que se sucede:

- Então, ó Kidi, o que quer dizer cachondear?
- É cabecear, sô-psora – disse o garoto muito apreensivo.
- Quem te ensinou este português?
- Nós ouvimos ontem no sungi, sô-psora.
- De quem?
- Do mano Tamoda, sô-psora...
- Então, para se esquecer dele, vais levar uma lição. (XITU, 1984, p. 14)

O rapaz fora cruelmente “varado e palmatoado” (p.14) na frente dos colegas para que servisse de lição a todos. A mulher em um acesso de fúria bradava:

não quero palavras do português de Tamoda cá dentro e nem lá fora. E todo aluno que for denunciado que continua a usá-lo será castigada. [...] Nado do português do Tamoda. Em vez de estudarem a narrativa da escola passam o tempo a decorarem disparates.

A professora, representante das autoridades portuguesas, continuava na tortura aos alunos, buscando com a ajuda dos maiores da turma as folhas de dicionário e os apontamentos do Tamoda que os mesmos traziam nas bolsas.

A atitude da professora só fizera crescer o ódio que o povo angolano, ou “povo – calvagadagem”, nas palavras de Tamoda, mantinha contra os dominadores.

David Crystal afirma que os “professores prestam um desserviço” quando deixam os alunos saírem da escola despreparados para o novo mundo lingüístico que os espera. O que se percebe na atitude da professora é somente a marca de dominação do conquistador que não respeita as diferenças regionais, as marcas da cultura que individualizam cada comunidade, o material regional que Tamoda procurava preservar para que seu povo não perdesse sua identidade cultural.

Mestre Tamoda critica a postura dos colonizadores, não só propagando o ensino da língua nativa, assim como outros costumes como frisar os cabelos, fato que provocou queimaduras em muitos, acarretando o fechamento do curso de português e teve de explicar-se perante a Administração do Conselho.

Lá o “indesejável” professor de português fora discriminado também pelos outros pretos porque trajava-se bem, os sapatos chiavam, usava capacete: “negro como era a passear assim como sapatos a chiarem ou é engenheiro ou é doutor ou é estrangeiro”.

Tamoda não se incomodava com os comentários feitos a sua volta, não queria conversa com eles para não causar má impressão aos administradores e quando indagado para dizer quem era e de onde vinha, respondeu:

“- Sou cidadão Tamoda que veio atender petição de Excelência Administrador e Juiz Instrutor, por causa das ‘facultagem’ imponente da craveira sapiencial do Tamoda.” (XITU, 1984, p. 16)

A resposta de Tamoda deixou-os sem entender nada, mas acharam-no um homem culto, deixando-o cheio de “importâncias”.

É curioso como Tamoda incomodava as pessoas por onde passava, quer elas fossem da sua raça ou não. Talvez suas calças brancas, a camisa de boa popelina, o casaco de seda-da-china, o chiado dos sapatos, bem branqueados e engraxados, fizessem dele alguém diferente. Diante das autoridades fora humilhado e surrado para desmoralizá-lo na presença da comunidade ou nas palavras dele: “Então ele viu que eu não falava português qualquer, mas português dos Doutores Desembargadores e de Advogados meritíssimos”. (p. 23)

O discurso que Uanhenga Xitu expõe no texto, através de Mestre Tamoda, revela na linguagem coloquial angolana, a oposição a um regime de força, as condições de produção desse discurso, propiciando ao leitor o meio de ler e refletir, preenchendo os espaços implícitos na estrutura da obra, participando do processo criativo do texto como decodificador dos signos e da linguagem do autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] CRYSTAL, D. **A revolução da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- [2] DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- [3] REMÉDIOS, M. L.R. **Uanhenga Xitu**. Letras de Hoje, nº 25, p. 92-101, 1990.

- [4] XITU, U. **“Mestre” Tamoda e Kahitu: contos**. São Paulo: Ática, 1984.